

**Lucio Flavio Pinto****Uma história muito tortuosa**

A história do Projeto Tucuruí, iniciada pela Agropecuária Capemi quase três anos atrás, escapa realmente aos padrões convencionais de compreensão. Só para tratar dos últimos momentos desse "imbroglio", cabe indagar pelos critérios que levaram o juiz da 7ª Vara de Falências e Concordatas do Rio de Janeiro a nomear o deputado federal (PMDB-AM) Carlos Alberto De Carli síndico da massa falida.

De Carli é um dos maiores credores da Capemi, a quem vendeu um polêmico projeto, da Fazendas Unidas. Localizada em Itacoatiara, a Fazendas Unidas deveria cultivar cana-de-açúcar, mas a área que escolheu é inadequada para esse tipo de cultura. E já entrava na reta da inviabilização quando a Capemi, num dos muitos gestos de generosidade de que tem sido pródiga, adquiriu-a, pagando um preço superior ao que seria razoável esperar na transação. Comprar problemas, cobrando comissões, parece ter sido a especialidade dos homens de ouro da Capemi.

Com o dinheiro, De Carli fez sua campanha e elegeu-se deputado federal com a maior das votações do Amazonas. As circunstâncias anteriores e posteriores ao negócio com a Capemi, favoráveis ou negativas ao parlamentar, são demasiadamente atribuladas para caberem numa mera referência. Esquecendo-as, resta constatar que a Capemi deveria pagar parcelas de 171 milhões de cruzeiros ao deputado. A partir de meados do ano passado, os pagamentos foram suspensos. De Carli entrou na justiça e requereu a falência da Capemi.

A decretação da falência pelo juiz carioca, evidentemente, não vai ajudá-lo a ter acesso ao dinheiro. Este é o tipo do processo moroso e geralmente inconcluso. Ademais, à frente do crédito do deputado amazonense estavam os direitos trabalhistas e as dívidas fiscais. A massa falida dificilmente responderá por tal passivo. A falência apenas tumultuou o desenrolar judicial da questão e trancou o encaminhamento administrativo.

O deputado garante não ser esse o seu objetivo, mas sua iniciativa permitiu que o Ministério da Agricultura, afastando de si as responsabilidades anteriormente assumidas, condicionasse a quitação das indenizações dos funcionários à venda, em leilão, da madeira extraída pela Capemi e que se encontra estocada em vários locais, inclusive no interior da floresta.

Assim, sentaram-se à mesma mesa o deputado que havia criticado o ministro por sua decisão de rescindir unilateralmente o contrato com a Capemi para a extração de madeira (credenciando-se para ser o sucessor trabalhista da empresa), e o ministro, que insinuara tratar-se de mera leviandade a acusação do parlamentar. Os caminhos tortos acabaram reunindo-os na encruzilhada: vendendo a madeira, o deputado sai da história como herói; o Ministério, por sua vez, encontra um pretexto legal para o uso do dinheiro.

Ao apresentar o pedido de falência, seria esse o objetivo de De Carli, preocupado menos com seus créditos do que com os rendimentos políticos da questão? Por enquanto, não é possível dar uma resposta. O deputado, contudo, conseguiu um resultado concreto: entrou na história.

A Capemi não tem futuro, ao contrário do que alardeia o parlamentar amazonense: o pagamento das indenizações dos funcionários dependerá de uma operação especial, a segunda que o Ministério da Agricultura realizará, através de uma licitação simbólica de madeira para o ressarcimento do dinheiro que o governo vai jogar em Tucuruí. Depois disso, o barco voltará a fazer água. É sintomático que o general Aedmar Messias de Aragão tenha renunciado à presidência da Agropecuária Capemi (agora Maicá, após a troca de nome). É uma reação clássica nesse tipo de situação.

Os funcionários querem resolver seu problema antes do naufrágio consumar-se — e estão certos. Afinal, só eles, um grupo de fornecedores, o governo, a floresta e a hidrelétrica é que saíram perdendo. Os responsáveis diretos pelos desmandos, descalabros, malversações, fraudes e outros episódios soturnos estão muito bem, obrigado. Tem mansão na ilha de Itamaracá ou na ilha do Governador, compraram apartamento luxuoso no Flamengo, estão com iates e experimentaram uma brusca e mágica mudança de vida - para melhor, naturalmente. Permanecem inatingidos e indiferentes ao drama que restou depois que eles passaram convictos de que é assim mesmo que a humanidade caminha. Caminha?

**SUGESTÕES**

As pessoas que tiverem sugestões, observações e críticas sobre o programa de entrevistas iniciado quarta-feira passada, poderão enviá-lo através de cartas e enviá-las à redação deste jornal. Serão bem-vindas. Pretende-se fazer um trabalho coletivo: na inspiração e nos objetivos.